

DA FRONTEIRA

Foz do Iguaçu — Março — Em outubro, novembro, dizem que abaixo dos saltos a gente pega dourados belíssimos, de rodada ou corrico, sem precisar de isca, usando uma "cuchara" argentina. Mas agora o Iguaçu está cheio e barrento, e a descida de aguapés (que aqui chamam enfaticamente "príncipe das águas") mostra que ainda está enchendo: tem chovido para os lados de Curitiba. Passamos a tarde e anoitecemos no "poço preto", mas não temos notícia nem de jaús nem de pintados. Atravessamos o rio, e junto das matas do general Perón pegamos, com o devido respeito, quatro ou cinco bagres. A fronteira é defendida, como do nosso lado, pela floresta e por uma legião de mosquitos, que zumbem e picam em espanhol. Andamos por esses matos, vimos os mesmos cedros, alecrim, louro, canafistula; e não importa que aqui nossa embaúba seja "ambáy" e a onça vire tigre; estamos na mesma terra, andamos entre os mesmos pés de pau, temos os mesmos bichos, somos os mesmos bichos. A muralha de florestas é tão alta que, do meio do rio, a gente ouve o éco nas duas margens.

Mas essa mata subtropical não me pareceu tão imponente como a do norte do Paraná, onde uma vez fui caçar (cacei um impaldismo), nem, muito menos, como a do rio Doce. Um agrônomo paranaense me diz que, embora aqui o solo seja quimicamente mais rico do que na região de Londrina, ele é muito menos profundo, e portanto não é tão bom para certas culturas, como o café. Voando baixo de avião, um pouco mais para o norte e para leste, vi, entretanto, um cafezal que me pareceu bonito. Em outra zona do município já se tirou muita erva, mas agora quase apenas se cuida de madeira e lavoura. Há um lugar chamado Toledo onde em 1945 só havia mato; hoje tem 600 habitantes na sede e uns 2 mil na zona rural, graças a uma empresa colonizadora. Mas esse progresso tem aqui, como em toda a parte no Brasil, a ferocidade imediatista dos homens que querem fazer dinheiro logo. A terra é devastada. No futuro teremos de apelar para esse Parque Florestal de 200 mil hectares, para refazer os estragos que hoje praticamos. Se o Parque também não estiver estragado...

Escurece devagar. Dentro do mato já é noite; mas aqui, sobre a grande massa de água que desce lentamente ainda se espelham vagas brancas de nuvens de ocidente. Na estrada aberta na mata os coelhos saltam diante dos faróis de nosso jipe. Agora margeamos o Paraná. Do outro lado, solitária e bela, Vênus vai morrer, se afundando nas matas escuras e tristes do Paraguai.

22.3.51

R. B